



Chamada de Trabalhos

O jornalismo irreverente

Editores convidados:

Maombi Mukomya (Université Libre de Bruxelles, Belgique)

Jacques Mick (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)

O jornalismo irreverente pode ser entendido como uma forma de contrapoder essencial ao funcionamento das democracias contemporâneas, particularmente em contextos marcados pela desconfiança nas instituições políticas e midiáticas. Serve também como um indicador das profundas transformações que ocorrem no ofício, em um ambiente caracterizado pela crise dos modelos de financiamento da produção de informação, pelas mudanças tecnológicas e pelo questionamento das definições sociais dominantes de jornalismo (Lévêque, Ruellan, 2010).

Longe de ser uma prática marginal ou desviante (Becker, 1985), o jornalismo irreverente pode ser entendido como uma das manifestações das lutas simbólicas e profissionais entre os modelos de jornalismo e as percepções predominantes da profissão que permeiam o campo jornalístico (Mathien, Péliissier e Rieffel, 2001; Lemieux, 1992). Insere-se na tradição do jornalismo combativo, que defende a figura do jornalista plenamente engajado na esfera pública, crítico dos poderes estabelecidos e que assume uma posição com o intuito de esclarecer o público. Esse modelo de jornalismo engajado se define, portanto, em oposição à figura do jornalista imparcial ou desengajado, frequentemente associado a formas de cumplicidade, consciente ou inconsciente, com as elites políticas, econômicas e culturais (Lévêque e Ruellan, 2010). Em contextos autoritários, o jornalismo irreverente pode se mostrar particularmente importante politicamente, mas também inovador em termos editoriais ou de linguagem (Kucinski, 2001).

Nessa perspectiva, o jornalismo irreverente não se reduz a um estilo ou tom provocativo; refere-se a posicionamentos profissionais, às estratégias editoriais e às condições em que a profissão é exercida, que questionam os próprios fundamentos da autoridade jornalística, sua legitimidade social e sua relação com o poder (Lemieux, 2005). Esta chamada de artigos nos convida a examinar as condições para o surgimento, a persistência, a resistência e a resiliência do jornalismo irreverente; as trajetórias de jornalistas que se identificam com ele; e os espaços midiáticos, sociais e políticos nos quais essas práticas se desenvolvem. Também acolhemos propostas para avanços conceituais que visem a uma melhor definição e compreensão do jornalismo irreverente.

As propostas podem se enquadrar em um dos eixos temáticos seguintes:

Eixo 1 – A irreverência como postura profissional

Este eixo temático nos convida a analisar as condições que tornam o jornalismo irreverente possível, examinando trajetórias e carreiras, modos de socialização e os processos pelos quais os indivíduos se definem – ou são definidos – como jornalistas irreverentes. Busca também explorar como os atores vivenciam o jornalismo irreverente e como os papéis profissionais são definidos, negociados e organizados dentro dessa estrutura (Mellado, 2022), bem como as tensões que gera nas redações, nas empresas de mídia e na comunidade jornalística.

Além disso, este eixo propõe examinar as formas concretas que o jornalismo irreverente assume. Em torno de quais questões políticas, econômicas e profissionais essa postura é construída? Como ela se encaixa na perspectiva sócio-histórica mais ampla das práticas jornalísticas críticas? Qual o papel das mídias sociais na (re)definição desse modelo? Finalmente, como os jornalistas irreverentes se representam, quais valores defendem, quais causas apoiam e qual a sua relação com os jornalistas "tradicionais"?

Eixo 2 – A irreverência como estratégia jornalística

Como estratégia, a irreverência jornalística consiste em desafiar diversas formas de autoridade – política, econômica, ideológica, religiosa, militar, moral, intelectual ou cultural –, questionando os mecanismos que legitimam o poder e participando da própria redefinição da autoridade jornalística. Ela é frequentemente caracterizada por um tom crítico, provocativo ou inconformista, bem como por um desejo explícito de romper com as rotinas profissionais dominantes e opor-se às figuras do jornalismo a elas associadas.

Este eixo temático centra-se nas estratégias utilizadas pelos jornalistas para se protegerem das restrições do jornalismo cúmplice ou deferente, tanto nas suas relações com as fontes e o público como nas suas escolhas editoriais (da Silva e Pedro Neto, 2021). Convida-nos a analisar as restrições, os recursos e as compensações que estruturam tais estratégias, bem como os seus efeitos na credibilidade, legitimidade e recepção social do jornalismo irreverente (Gutmann et al., 2009).

Eixo 3 – A irreverência desafiada por restrições, riscos e repressão

Este eixo temático propõe analisar o jornalismo irreverente a partir da perspectiva das restrições estruturais, dos riscos profissionais e das formas de repressão enfrentadas por jornalistas que adotam essa postura ou estratégia. A irreverência, como um desafio explícito aos poderes estabelecidos, expõe os jornalistas a múltiplas sanções – legais, econômicas, simbólicas ou físicas – que contribuem para redefinir as condições sob as quais a profissão é exercida.

Os artigos podem examinar os mecanismos formais e informais de controle e regulação (censura, autocensura, pressão política, dependências econômicas, violência, ameaças), bem como seus efeitos sobre trajetórias e carreiras, escolhas editoriais e formas de engajamento jornalístico. Atenção especial pode ser dada às estratégias de contorno,

proteção e solidariedade desenvolvidas por jornalistas irreverentes, individual ou coletivamente, para manter espaços de expressão crítica (Guimarães e Caetano, 2009).

Este eixo também nos convida a analisar as desigualdades frente ao risco, tendo em conta os contextos nacionais, as configurações políticas, os recursos organizacionais e as posições ocupadas no panorama mediático. Por fim, é relevante examinar como tais restrições contribuem para a transformação das práticas, dos discursos e das representações do jornalismo irreverente, particularmente em contextos autoritários ou híbridos (Frère, 2015), ou naqueles caracterizados por significativa insegurança laboral, crises sociopolíticas recorrentes (Fierens, 2017) ou situações de conflito armado (N'sana, 2021).

Os artigos devem ter entre 40 mil e 55 mil caracteres com espaços, e podem ser submetidos em português, espanhol, francês e inglês. Em caso de aceite do trabalho para publicação, autores de artigos submetidos nos três primeiros idiomas deverão também fornecer uma versão em inglês.

Todas as submissões a esta chamada especial serão enviadas exclusivamente pelo website da Brazilian Journalism Research, disponível no site da revista: <http://bjr.sbpjor.org.br>

As diretrizes para formatação dos textos estão em:
<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/about/submissions>

Em caso de dúvida, enviar e-mail para bjr@sbpjor.org.br

Datas importantes desta edição:

Envio dos artigos: até 15 de julho de 2026.

Aceite dos aprovados: até 31 de dezembro de 2026.

Publicação da edição: até 31 de abril de 2027.

Referências Bibliográficas

Becker, H. S. (1985). *Outsiders*. Paris: Métailié.

da Silva, M. P. et Pedro Neto, L. (2021). Jornalismo, socialismo e humor: lugares e saberes de Raimundo Pereira e Ziraldo na imprensa alternativa brasileira durante a ditadura militar. *Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia*, 9(21), 123–149.
<https://doi.org/10.22484/2318-5694.2021v9n21p123-149>

Fierens, M. (2017). *Le journalisme de presse écrite en République démocratique du Congo et en Côte d'Ivoire : Émergence et évolution d'une profession, de la période coloniale à nos jours*. Paris : Institut Universitaire Varenne.

Frère, M-S. (2015). « Journaliste en Afrique : métier à risque et risques pour le métier », in Pomel, S. (dir.). *Du risque en Afrique. Terrains et perspectives*. Paris : Karhala.

Guimarães, D. et Caetano, K. (2009). Estratégias gráficas e humor sarcástico: a notícia levada a "sério" no Programa CQC, da TV Bandeirantes, Brasil. *Ínterins*, 7(1), 1-17.

Gutmann, J. F., Santos, T. E. F. dos et Gomes, I. M. M. (2009). Eles estão à solta, mas nós estamos correndo atrás. Jornalismo e entretenimento no Custe o que Custar. *E-Compós*, 11(2). <https://doi.org/10.30962/ec.331>

Kucinski, B. (2001). *Jornalistas e Revolucionários*. Nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo : Edusp.

Lemieux, C. (2005). « Autorités plurielles. Le cas des journalistes », *Esprit*.

Lemieux, C. (1992). « La Révolution française et l'excellence journalistique au sens civique. Note de recherche », *Politix* n°19.

Lévêque, S. et Ruellan, D. (2010). *Journalistes engagés*. Rennes : Presses universitaires de Rennes.

Mathien, M., Péliissier, N. et Rieffel, R. (2001). « Avant-propos : figure du journalisme, critique d'un imaginaire professionnel », *Quaderni* n°45.

Mellado, C. (2022). *Beyond Journalistic Norms*. Role Performance and News in Comparative Perspective. London : Routledge.

N'sana Bitentu, P. (2021). *Médias et conflits armés en RDC : des journalistes en danger, le journalisme en chantier*. Paris : L'Harmattan.